

Democratização Proletkult

Por Thalles Gomes Camelo da Costa¹

O desenvolvimento tecnológico das duas últimas décadas na área audiovisual tornou possível o surgimento da tecnologia digital de captura e edição de vídeo. Essa tecnologia facilitou o acesso à produção audiovisual, devido, principalmente, ao surgimento dos programas de edição não-linear para computador. Com eles, em tese, qualquer computador, inclusive os de uso doméstico, poderia se transformar numa ilha de edição.

Chegávamos, enfim, à era da inclusão digital, à era da *democratização* da produção audiovisual.

Para a classe trabalhadora e suas organizações, significava a oportunidade de finalmente poder mostrar a *sua versão* dos fatos, de poder desconstruir a deturpação e alienação engendradas pelo cinema comercial e pela mídia burguesa. A oportunidade histórica de colocar a filmadora na mão dos trabalhadores, a mesma mão que depois apertaria os botões na ilha de edição. Os trabalhadores contando sua própria história. Um cinema feito não *para* os trabalhadores, mas *pelos* trabalhadores. Um cinema com cheiro de povo, com calos nas mãos.

Seria lindo, se não fosse equivocado.

Avanço tecnológico não significa democratização. Acesso não é sinônimo de expressão. Acreditar que basta ensinar quais botões apertar para se forjar trabalhadores cineastas é o mesmo que acreditar que papel, lápis e noções básicas do ABC são suficientes para o surgimento de escritores e poetas advindos da classe trabalhadora.

¹ Thalles é membro da brigada de audiovisual da Via Campesina Brasil

Esse dilema entre técnica e estética não é de agora. Há noventa anos já era ponto de pauta das discussões na Rússia soviética. Resgatar essa experiência histórica pode ajudar na melhor compreensão dos equívocos de hoje.

Vitoriosa a Revolução de Outubro, com o Estado nas mãos dos operários e camponeses, as lideranças soviéticas sentiram a necessidade de expandir o poder dos trabalhadores a todos os demais campos da vida social, não o limitando à seara político-econômica. Para tanto, era preciso que também no âmbito artístico-cultural os trabalhadores tomassem as rédeas da produção.

Com esse intuito foi criada a *Proletkult* (*Cultura Proletária* em russo), uma organização que tinha como objetivo incentivar o surgimento de poetas metalúrgicos, atores pedreiros, contistas operários, escritores saídos diretamente da classe trabalhadora e diretamente ligados ao processo de trabalho braçal e fabril. A lógica era simples: a revolução não era dos trabalhadores? A eles cabia lançar também os fundamentos da cultura da nova sociedade.

Perfeito. Só que os membros da *Proletkult* esqueceram-se de um detalhe. O processo de divisão do trabalho e a conseqüente estruturação da sociedade em classes – que caracterizavam o estado burguês – separaram a arte dos outros aspectos da vida social, tornando-a auto-suficiente e transformando-a em propriedade das classes privilegiadas. Como diagnosticou o próprio Trotski, em seu livro *Literatura e Revolução*, enquanto “a burguesia chegou ao poder completamente equipada com a cultura de sua época, o proletariado só chega ao poder completamente equipado com a *necessidade aguda de conquistar a cultura.*”

Mal saídos da ignorância e do analfabetismo, e sem nenhum arcabouço cultural, os artistas proletkultistas e suas obras não conseguiram fugir ao clichê, às formulas de fácil efeito, ao maniqueísmo de tipos e ao conservadorismo formal. Da vastíssima produção proletkultista, nada sobrou de esteticamente duradouro.

Pode-se argumentar que as obras dos poetas proletários, independentemente do seu valor artístico, já eram significativas, devido à sua ligação direta com a vida da classe. Sobre esse argumento, Trotski cita um trecho de um artigo do crítico Pletnev, no qual, ao analisar as poesias de um artista operário, indaga: “que esses poemas sejam

fracos, velhos na forma, cheios de faltas, eu o admito; mas eles não marcam o caminho de progresso para a poesia proletária?”. “Sem dúvida”, responde Trotski, “mesmo fracos, incolores e cheios de erros, os versos podem marcar o caminho do progresso político de um poeta e de uma classe, possuindo incomensurável significação como sintoma cultural. Os poemas fracos – e mais ainda aqueles que revelam a ignorância do poeta – não constituem poesia proletária, simplesmente porque não constituem poesia.”

“Arte mal feita não é arte”, conclui Trotski, “e, em consequência, os trabalhadores não precisam dela. O conformismo da arte mal feita guarda, no fundo, boa parte de desprezo pelas massas (...). Não se trata de marxismo, e sim de populismo reacionário, apenas pintado de ideologia proletária. A arte que se destina ao proletariado não pode ser de baixa qualidade (...). A importância de organizações como a *Proletkult* não se mede pela rapidez com que criam uma nova literatura, mas pelo que contribuem para a elevação do nível literário da classe operária.”

Não seria, dessa forma, a inclusão digital dos dias de hoje uma espécie de *democratização proletkult*?

Acreditar ser suficiente o mero conhecimento técnico da operação de equipamentos é *desprezar* não só o potencial do audiovisual como ferramenta de reflexão, mas o próprio potencial artístico e inovador dos trabalhadores. Um desprezo compatível com o *populismo reacionário* de algumas ONGs, nunca com uma política de fato emancipatória da classe trabalhadora.

